

ÍTALO CALVINO E OS CLÁSSICOS: LUCRÉCIO NAS *SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO*

Thiago Lopes ARAÚJO

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

Resumo: Neste artigo, trataremos da presença do poeta romano Tito Lucrécio Caro (c. 99 a.C. – c. 55 a.C.) no capítulo sobre a “Leveza” em *Seis Propostas para o próximo milênio*, obra póstuma de Ítalo Calvino (1923 – 1985). Nosso objetivo é observar que aspectos da poesia lucreciana contribuem para sua leveza, apontada pelo autor moderno como paradigma para a literatura na era atual. Para tanto, vamos observar as passagens em que Calvino se refere a Lucrécio, e, ao analisar os excertos respectivos da obra latina, apreciaremos algumas de suas características poéticas.

Palavras-chave: Estudos Clássicos, Lucrécio, Ítalo Calvino, *De rerum natura*, *Six Memos for the Next Millennium*

INTRODUÇÃO

Ao nos dedicarmos à presença do poeta romano Tito Lucrécio Caro (c. 99 a.C. – c. 55 a.C.) em *Seis Propostas para o próximo milênio*, obra póstuma de Ítalo Calvino (1923 – 1985)¹, podemos constatar o quanto a relação do autor italiano com a literatura antiga ainda carece da atenção dos estudiosos, não somente em nosso país, como também fora dele.² Até o momento da pesquisa,³ observamos nas *Seis Propostas* as passagens que

1 A obra foi escrita por Calvino em 1985, mas publicada posteriormente. Nossas referências apontam normalmente para as páginas da tradução de Ivo Barroso (a partir da edição italiana de 1988, publicada no Brasil com o título *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (1990). As versões italiana (1988) e inglesa (1988) foram também levadas em conta, sobretudo nos trechos relevantes à análise dos textos latinos referidos por Calvino.

2 Dentre os estudos que encontramos no *L'Année Philologique*, não constam trabalhos sobre Lucrécio em Ítalo Calvino, e apenas o de Schmitz-Emans (1995) trata de Ovídio no autor italiano. Ainda segundo o anuário, estudos sobre Ítalo Calvino e a Antiguidade contemplam Petrônio (2009), Aulo Gélcio (García Jurado 2010) e imagens da Grécia antiga em geral (Velardi 2004). Destaque-se que a presença das *Metamorfoses* ovidianas na obra de Ítalo Calvino é abordada com sensibilidade por Carvalho (2010).

3 O projeto, sob orientação da coautora deste artigo, é desenvolvido com apoio do PIBIC, em duas fases: 2015/2016 e 2016/2017. Agradecemos ao Thiago Maerki de Oliveira pela discussão de versão apresentada no Seminário de Pesquisas em Pós-graduação do IEL em 2016.

tratam dos poetas latinos Títo Lucrécio Caro (*Titus Lucretius Carus*, 99 a.C. – 55 a.C.) e Públio Ovídio Nasão (*Publius Ovidius Naso*, 43 a.C. – 17 d.C.). De Ovídio, tratamos mais centralmente em estudo anterior (Araújo; Cardoso 2015), a cujos resultados nos referiremos ao final deste.

Mais especificamente, aqui nosso interesse é observar que aspectos da poesia lucreciana contribuem para a leveza apontada pelo autor moderno como paradigma para a literatura na era atual. Antes de passarmos a análise propriamente dita, teceremos considerações de caráter mais geral, a fim de situar o autor romano e sua obra.

1. LUCRÉCIO E AS *SEIS PROPOSTAS*

Não se sabe precisamente a data do nascimento e da morte de Lucrécio, mas se acredita que ele tenha vivido entre os anos 90 e 50 a.C. Também é incerta a sua origem, sendo o autor ora identificado como proveniente da Campânia, ora de Roma. Sobre a classe social a qual pertencia Lucrécio, supõe-se que, pelo contato que ele teve com grandes escritores da época, tenha sido elevada.⁴ Sabe-se, no entanto, da relevância e importância que a única obra que legou: *De rerum natura* (lit. “Sobre a natureza das coisas”), um estudo sobre o conhecimento e a origem do mundo, tem para a ciência e para a literatura posteriores.⁵

Contando com 6 livros e um total de 7415 versos hexâmetros, o poema *De rerum natura* é articulado em três grupos, com dois livros cada.⁶ Trataremos adiante de versos específicos dos livros II e III, citados por Calvino nas suas *Seis propostas*. Após, no primeiro livro, introduzir-se a teoria dos átomos (os princípios da física epicúrea), o segundo livro ilustra a teoria do *clinamen* (“desvio”, “inclinação”): em suma, no movimento dos átomos intervém uma inclinação mínima que permite uma grande variedade de agregações. No livro III (que, junto com o IV expõe a antropologia epicúrea), explica-se como tanto corpo quanto a alma são, ambos, constituídos por átomos agregados, ainda que de forma diferente (CONTE, 1996, p. 138).

4 Sobre a obscura biografia de Lucrécio, cf., por exemplo, Conte (1996, p.135).

5 Sobre o *De rerum natura* na história da ciência, cf. por exemplo Johnson; Wilson (2007). Para uma amostra de estudos sobre sua recepção em literaturas de diversas épocas e países, remetemos aos capítulos da terceira parte do *The Cambridge companion to Lucretius* (Gillespie; Hardie 2007).

6 O resumo da matéria dos livros apresentado a seguir baseia-se em Conte (1996, p. 135-142).

De rerum natura é, ao que se saiba, o primeiro poema didático relevante na poesia latina.⁷ Tem-se apontado que Lucrécio se diferencia dos demais poetas gregos que escreveram nesse gênero na medida em que, ao descrever e explicar a doutrina do filósofo Epicuro, empenha-se em convencer o leitor da validade de tal filosofia. Nesse sentido, tem-se apontado que uma importante diferença entre Lucrécio e o que se conhece da poesia epicúrea helenística (de que restam poucas evidências) reside no fato de que o poeta latino constantemente exorta o leitor a fim de que este siga com diligência o percurso educativo que ele propõe (CONTE 1996, p. 139).

São, porém, outros os aspectos que pelos quais o poema de Lucrécio é referido ainda na seção em que Ítalo Calvino defende a qualidade da leveza literária. Ele o faz inicialmente reconhecendo a compacidade e concretude do mundo lucreciano, mas, ao mesmo tempo, ressaltando a importância do vácuo para o poeta romano:

De rerum natura, de Lucrécio, é a primeira grande obra poética em que o conhecimento do mundo se transforma em dissolução da compacidade do mundo, na percepção do que é infinitamente minúsculo, móvel e leve. Lucrécio quer escrever o poema da matéria, mas nos adverte, desde logo, que a verdadeira realidade dessa matéria se compõe de corpúsculos invisíveis. É o poeta da concreção física, entendida em sua substância permanente e imutável, mas a primeira coisa que nos diz é que o vácuo é tão concreto quanto os corpos sólidos⁸. (Calvino, 1990, p. 20-21, grifo nosso)

A leveza do mundo é também assegurada por Lucrécio, segundo Calvino, por uma preocupação rigorosa com as leis, que ao mesmo tempo possibilitam a liberdade:

A principal preocupação de Lucrécio, pode-se dizer, é evitar que o peso da matéria nos esmague. No momento de estabelecer rigorosas leis mecânicas que determinam todos os acontecimentos, ele sente a necessidade de permitir que os átomos se desviem imprevisivelmente da linha reta, de modo a garantir tanto a liberdade da matéria quanto a dos seres humanos. (Calvino, 1990, p. 21)

Aqui temos uma referência ao famoso desvio (ou *clinamen*), que teria possibilitado, segundo a doutrina epicurista, o surgimento dos seres e a liberdade (conforme evidenciado

7 Sabe-se que o gênero literário do “poema didático” tem origens muito antigas: já no século VII a.C., o poeta grego Hesíodo compôs *Os trabalhos e os dias*, no qual faz considerações sobre os deuses e a moral, além de dar indicações e conselhos sobre a agricultura; também na época helenística vários autores gregos compuseram nesse gênero. Lucrécio o escolhe para tratar de um tema grandioso e difícil, com um escopo didático sério: converter o leitor à sua visão filosófica da natureza e do mundo, o epicurismo. Cf. Conte (1996, p. 138-143) e ainda Trevizam (2014, p. 30-40).

8 Aqui, Calvino faz referência aos versos 330-345, do primeiro livro, em que o autor latino explicita a importância do vácuo na movimentação dos corpos sólidos. Para Lucrécio, se o vazio, inane (v. 334) não existisse, isso implicaria a inércia dos corpos e, por consequência, a sua não existência.

nos livro II)⁹. Mas, para nossa investigação, o interessante é que Calvino relaciona tal liberdade e leveza ao universo literário:

A poesia do invisível, a poesia das infinitas potencialidades imprevisíveis, assim como a poesia do nada, nascem de um poeta que não nutre qualquer dúvida quanto ao caráter físico do mundo. Essa pulverização da realidade estende-se igualmente aos seus aspectos visíveis, e é aí que excede a qualidade poética de Lucrécio: os grãos de poeira que turbilhonam num raio de sol, na penumbra de um quarto (II 114-124); as pequeninas conchas, todas iguais e todas diferentes, que a onda empurra docemente para a *bibula harena*, a areia embebida (II, 374-376); as teias de aranha que nos envolvem sem que nos demos conta, enquanto passeamos (III 381-390). (Calvino 1990, p. 21)

Ora, poder-se-ia argumentar, grãos de poeira, conchinhas, teias de aranha são exemplos de elementos por si sutis, e, sendo dotados de leveza, já favoreceriam por si o argumento de Calvino. Mas, nossa questão é: até que ponto o modo como são retratados no poema epicurista sobre a origem das coisas contribui para compreendermos a que tipo de leveza literária o autor italiano se refere? Analisaremos, nas seções seguintes, tais aspectos.

1.1. Grãos de poeira num raio de sol

Em versos imediatamente anteriores aos citados abaixo, Lucrécio aborda o tema central do segundo livro: o movimento dos átomos, o porquê de tal fenômeno e seus efeitos. O poeta afirma que o fato de alguns corpos decaírem e morrerem e outros se desenvolverem e crescerem, sendo estes compostos por átomos, evidencia a sua tese de que estas partículas mínimas e inalteráveis, os elementos atômicos, estão em contínuo movimento, em toda a imensidão do universo. Assim, ele afirma (Lucr. II 105-111):

paucula quae porro magnum per inane vagantur,	105
cetera dissiliunt longe longeque recursant	
in magnis intervallis; haec aera rarum	
sufficiunt nobis et splendida lumina solis.	
multaque praeterea magnum per inane vagantur,	
conciliis rerum quae sunt reiecta nec usquam	110
consociare etiam motus potuere recepta. ¹⁰	

Outros, que são poucos, vagueiam pelo vazio imenso e ressaltam longe e de longe voltam, com grandes intervalos: estes nos dão o leve ar e o esplêndido luminar do Sol. Há, além de todos eles, muitos que vagueiam pelo espaço imenso e que não têm lugar nas composições das coisas nem jamais foram recebidos e consorciaram movimentos. (Tradução de Agostinho da Silva)

9 Sobre o clinamen e o surgimento do mundo, cf. Conte (1996); sobre a liberdade no epicurismo, cf. Lévéque, 1987.

10 O texto latino é citado de acordo com a edição de Francesco Giancotti (1996).

Nos versos seguintes, Lucrécio compara as partículas dos raios de sol e sua agitação à criação das coisas e do conhecimento:

cuius, uti memoro, rei simulacrum et imago
ante oculos semper nobis versatur et instat.
contemplator enim, cum solis lumina cumque
inserti fundunt radii per opaca domorum: 115
multa minuta modis multis per inane videbis
corpora misceri radiorum lumine in ipso
et vel ut aeterno certamine proelia pugnās
edere turmatim certantia nec dare pausam,
conciliis et discidiis exercita crebris; 120
conicere ut possis ex hoc, primordia rerum
quale sit in magno iactari semper inani.
dum taxat, rerum magnarum parva potest res
exemplare dare et vestigia notitiae. (Lucr. II 112-124)

Do que acabo de dizer temos nós sempre presente, ante os olhos, o traslado (*simulacrum*) e a imagem (*imago*). Observa os raios do Sol que entram dando sua luz na obscuridade de uma casa (115): verás que na própria luz dos raios se misturam, de modos vários, numerosos corpos diminutos, e, como se fosse em eterna luta, combatem, dão batalhas, por grupos certos se guerreiam e não há pausa, agitados como estão pelos encontros e pelas separações frequentes (120). Podes imaginar por isso o que será a perpétua agitação no vago espaço (*in magno... inani*) dos elementos das coisas na medida em que um pequeno fato pode dar ideia de grandes coisas, e elementos para seu conhecimento. (Tradução de Agostinho da Silva, parênteses nossos)

Nessa passagem, Lucrécio atesta o valor do simulacro – na tradução, “traslado” – (*simulacrum*) e da imagem (*imago*) para o conhecimento daquilo que é invisível para os olhos: o visível é análogo ao invisível. Para tanto, no símile que compara os átomos ou “elementos das coisas” (*primordia rerum*) com grãos de poeira, o poeta se vale ainda de imagens épicas, ao descrevê-los tais quais soldados em uma batalha.

Gale (2007, p.1), embasando-se em autores antigos, aproxima a poesia didática à épica (sendo que a primeira corresponderia a uma épica heróica, e a segunda a uma épica didática). Além do fato de ambos os gêneros (ou, segundo ela defende, subgêneros) serem escritos em metros hexâmetros, a estudiosa destaca como mais um ponto em comum o emprego do símile: esse recurso poético tão presente na épica heróica (como, por exemplo, na *Eneida* de Virgílio) vai efetivamente ter função didática em poemas como o de Lucrécio, e mesmo nas *Geórgicas*. Corroborar para tanto o fato de que, no excerto em análise, as batalhas (*et vel ut aeterno certamine proelia pugnās*, II, 118) - tema típico da épica heróica (cf. Horácio, *Ars* 73-74) - são evocadas precisamente no símile lucreciano que tematiza a utilidade que o símile pode ter para a explicação de assuntos sutis.

Comparar grãos de poeira a átomos e ambos com soldados em uma batalha será útil, segundo o Lucrécio, para se compreender também a movimentação secreta e invisível (*motus... clandestinos caecosque*, II 127-128) dos átomos:

Hoc etiam magis haec animum te advertere par est 125
 corpora quae in solis radiis turbare videntur,
 quod tales turbae motus quoque materiai
 significant clandestinos caecosque subesse.
 multa videbis enim plagis ibi percita caecis
 commutare viam retroque repulsa reverti 130
 nunc huc nunc illuc in cunctas undique partis.
 scilicet hic a principiis est omnibus error.
 prima moventur enim per se primordia rerum,
 inde ea quae parvo sunt corpora conciliatu
 et quasi proxima sunt ad viris principiorum, 135
 ictibus illorum caecis impulsa cientur,
 ipsaque <pro>porro paulo maiora laceessunt. (Lucr. II 125-137)

Há também outro motivo para observar (125) os corpos que se vêem agitar-se nos raios de Sol: tais movimentos desordenados revelam os movimentos secretos, invisíveis, da matéria. Verás que muitos, ao impulso de choques invisíveis, mudam de direção, e, repelidos, voltam para trás (130), para um lado, para outro, realmente para todos os pontos. Ora, é evidente que esta mancha errante vem toda ela dos elementos. Efetivamente, são os próprios elementos os primeiros a se moverem por si mesmos; vêm depois os corpos cuja composição é reduzida e que estão, digamos assim, mais perto de forças elementares (135): movem-se impelidos pelos choques invisíveis destas últimas, e, por seu turno, põem em movimento os que são um pouco maiores. (Tradução de Agostinho da Silva)

Sublinham a lógica da comparação vários outros recursos poéticos, nem sempre evidentes na tradução acima transcrita. Dentre eles, destacamos a personificação ou animação dos átomos pela hipálage *motus caecos* (lit. “movimentos cegos”) e a reiteração. Esta se dá, ora por meio da retomada de termos cognatos (em *turbare* II, 16, “agitar-se” e *turbae....materiai*, II, 128, lit. “da turba de matéria”), ora por meio de termos que retomam, de modo mais contextualizado, as referências bélicas: “forças” (*viris*, II, 135); “golpes” (*ictibus*, II 136).

Além disso, vemos que, aqui, Lucrécio se concentra em elementos mínimos e joga com suas combinações e recombinações. O autor latino desperta a concentração do leitor para o detalhe ao utilizar recursos sonoros, tais quais a aliteração. Veja-se, por exemplo, o verso 116 (*multa minuta modis multis per inane videbis*). No verso 114 (*contemplator enim, cum solis lumina cumque*), além de repetir o som, a anáfora parece imitar o tema do texto: a derivação de elementos a partir de um termo básico, a qual aqui se mostra no acréscimo de partícula enclítica (*cum ... cumque...*).

Pode parecer exageradamente preciosista essa leitura: mas o próprio poeta já nos levará à aproximação entre mundo e verbo, quando, ao enunciar sua tese de que o mundo é comparável a uma combinatória de um conjunto restrito de elementos menciona, como exemplo de tal conjunto, nada menos do que o alfabeto. Para tanto, ele afirma, nos versos 688-699 do livro II:

Quin etiam passim nostris in versibus ipsis
 multa elementa vides multis communia verbis,
 cum tamen inter se versus ac verba necesse est 690
 confiteare alia ex aliis constare elementis;
 non quo multa parum communis littera currat
 aut nulla inter se duo sint ex omnibus isdem,
 sed quia non volgo paria omnibus omnia constant.
 sic aliis in rebus item communia multa 695
 multarum rerum cum sint, primordia rerum
 dissimili tamen inter se consistere summa
 possunt; ut merito ex aliis constare feratur
 humanum genus et fruges arbustaque laeta. (Lucr. II 688-699)

Também nos meus versos te aparecem por toda parte muitos elementos comuns a muitas palavras, embora se tenha de reconhecer que versos e palavras se compõem de elementos diversos (690); não porque tenham poucas letras comuns ou porque não haja duas palavras compostas pelas mesmas, mas porque em geral os conjuntos não são semelhantes. O mesmo acontece com as outras coisas (695): embora lhe sejam comuns com muitos outros os elementos primordiais, todavia os conjuntos podem diferir muitíssimo de si: pode-se dizer, com toda razão, que têm composição diferente a raça humana, as searas e as vigorosas árvores.

(Tradução de Agostinho da Silva, parênteses nossos)

Vemos que, Calvino aplica ao poema em si o símile programático que vimos acima nos versos II, 114-124, ao afirmar que tal consideração de Lucrécio apresenta o “fio da escrita como metáfora da substância pulverulenta do mundo” (CALVINO, 1990, p.39).

1.2. Pequenas conchas na *bibula harena*

Postremo quodvis frumentum non tamen omne
 quidque suo genere inter se simile esse videbis,
 quin intercurrat quaedam distantia formis.
 concharumque genus parili ratione videmus
 pingere telluris gremium, qua mollibus undis 375
 litoris incurvi bibulam pavit aequor harenam.
 quare etiam atque etiam simili ratione necessest,
 natura quoniam constant neque facta manu sunt
 unius ad certam formam primordia rerum,
 dissimili inter se quaedam volitare figura. 380

(Lucr. II 371-380)

Por fim, quanto ao grão de qualquer cereal, verás que, apesar das semelhanças que tem com os da mesma espécie, há sempre entre eles qualquer diferença de forma. Da mesma maneira, vemos as conchas colorirem o regaço da terra no lugar em que a água vem aplanar com suas brandas ondas (375) a sedenta areia do litoral recurvo. Por isso, é fatal que de modo semelhante, e dado que são os elementos um produto da natureza e não fabricados pelo homem segundo um modelo determinado, voejem pelo espaço com forma diferente de um a outro. (380)

(Tradução de Agostinho da Silva, parênteses nossos)

Nesta passagem, ainda tratando das características dos átomos (*primordia rerum*, v. 379), Lucrécio continua a usar de analogias que, desta vez, explicarão o preceito de dissemelhança entre eles (*dissimili inter se*, II 380). Interessante é que, para justificar a comparação poeta vai embasá-la no fato de que, tanto os átomos quanto os grãos de cereal, e mesmo as conchas do mar, apesar de se parecerem (*quodvis ...inter se simile esse videbis* II 371-372), são diferentes entre si. Nomeadamente, tais seres são únicos porque feitos pela mesma “razão”: *parili ratione* (II 374); *etiam atque etiam simili ratione* (II 376). Vemos que, na poesia lucreciana, a antítese que preside a ideia (uma dissemelhança assegurada pela semelhança) não é disfarçada, mas sim sutilmente enfatizada pela justaposição e repetição dos termos.

1.3. Entre teias de aranha

Nos versos que veremos abaixo, o poeta latino usa fatos cotidianos para exemplificar a ideia de leveza. Antes, no entanto, Lucrécio, refutando a doutrina do filósofo grego Demócrito, afirmara que “os objetos mais pequenos que podem provocar nos nossos corpos movimentos sensíveis são do tamanho dos intervalos que têm entre si os elementos primordiais da alma.” (III 377-80, tradução de Agostinho da Silva)¹¹. Segundo comenta o tradutor (1985, p.68):

Segundo o que parece, porque o trecho de Lucrécio é o único que nos chegou às mãos sobre o assunto, Demócrito afirmara que o homem é formado de uma tessitura de átomos de corpo e de átomos de espíritos, alternando-se um a um: Lucrécio, embora admita um contato muito íntimo e como que uma solidariedade entre corpo e espírito, refuta a opinião de Demócrito com dois argumentos, o de que os átomos do espírito são mais pequenos que os do corpo e o de que são em número menor. Este ponto de discordância, entre outros, mostra que os epicuristas não tinham adotado na sua totalidade a teoria de Demócrito; no fundo o que se tinha aceitado plenamente era a concepção atomística da matéria.

No *De Rerum Natura*, a exposição da tese defendida por Lucrécio continua:

nam neque pulveris inter dum sentimus adhaesum
corpore nec membris incussam sidere cretam,
nec nebula noctu neque arani tenvia fila
obvia sentimus, quando obretimur euntes,
nec supera caput eiusdem cecidisse vietam
vestem nec plumas avium papposque volantis,
qui nimia levitate cadunt plerumque gravatim,

385

¹¹ Dum taxat ut hoc promittere possis,/ quantula prima queant nobis injecta ciere/ corpora sensiferos motus in corpore, tanta/ intervalla tenere exordia prima animai.

nec repentis itum cuiusvis cumque animantis
sentimus nec priva pedum vestigia quaeque,
corpore quae in nostro culices et cetera ponunt

390

(Lucr. III 381-390)

De fato, algumas vezes não sentimos a aderência do pó, nem a greda que cai de lado sobre os membros, como não sentimos também o nevoeiro noturno nem a fina teia de aranha que esbarra conosco, quando nos enreda ao irmos caminhando, nem a antiga vestidura que nos lança sobre a cabeça (385), nem as plumas das aves, nem os cardos voadores que vão caindo com extrema leveza; não sentimos igualmente o choque dos pequenos animais, o tocar de cada um dos pés que nos põem no corpo os mosquitos e os outros insetos. (390)

(Tradução de Agostinho da Silva, parênteses nossos)

Nesses versos em que o poeta volta a citar poeira (*pulveris*, III, 381), ele acrescenta nevoeiro (*nebulam*, III 383), plumas de aves (III 385), pezinhos de insetos (III 390)... dentre esses elementos do mundo concreto enumerados pelo poeta como de extrema leveza ao cair sobre nós (*nimia levitate cadunt*, III 387), chamou atenção a Calvino a referência às teias de aranha. Talvez o autor italiano as destaque não apenas por seu caráter leve (pois os demais citados no passo também o são), e sim pela maneira ligeira com que Lucrécio descreve: o embaraçamento em tais “fios tênues” (*tenuia fila*, III 383), ao tocá-los de modo distraído, *en passant* (*euntes*, III 384). Tudo é leve nessa narrativa: os fios, os passantes, sua intenção, e, mais adiante, o inseto (III, 390).

CONCLUSÃO: LUCRÉCIO E A PROPOSTA DA “LEVEZA”

Tal como as *Metamorfoses* ovidianas, o poema de Lucrécio é considerado por Calvino como obra poética em que “o conhecimento do mundo se torna dissolução de sua compacidade” (CALVINO, 1990, p. 21).

Nos excertos do *De rerum natura* que analisamos acima, evidencia-se que, de fato, para Calvino, a poesia do autor romano é símbolo da dissolução do caráter compacto do mundo em elementos mínimos e inalterados. Temos, aqui, um contraste com o que Ítalo Calvino aponta nas *Metamorfoses* de Ovídio (de que tratamos em outra ocasião): essa obra é símbolo da incessante transmutabilidade de tais elementos (CALVINO 1990, p. 21). Numa leitura mais atenta, percebemos que não apenas o tipo de tema escolhido (grãos de poeira; conchas do mar; patas de insetos e teias de aranha) é responsável pela leveza percebida no texto de Lucrécio. Ali, o cuidado com a escrita - quer na escolha, quer disposição dos termos quer, para emprestarmos um linguajar da teoria lucreciana, na combinação dos elementos estilísticos - resulta num texto que demonstra de modo conciso, leve, a tese epicurista sobre a natureza material do mundo.

Na leitura de Calvino, o universo de Lucrécio é descontínuo, representado pelo *clinamen*, mas dominado pela mente; já o de Ovídio é um proliferar de formas concretas e definidas, como vimos nas transformações derivadas da derrota de Medusa. Assim, contrastando com o caos de Lucrécio, com seu desvio e liberdade das partículas atômicas, em Ovídio cada elemento obedece a um princípio de analogia que é a verdadeira teia conectora do mundo.

Em uma outra proposta “Multiplicidade” (“Multiplicity”), Calvino vai citar, novamente, os dois poetas latinos ao questionar se “quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis, mais se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade” (Calvino, 1990, p. 138). Mas, para fazer jus à leitura do autor italiano, essa questão mereceria uma atenção mais cuidadosa, direcionada unicamente a ela, e que foge do escopo a esta fase do estudo.

Pelas passagens aqui abordadas, fica claro que a leveza que em *Six memos* se evidencia nas obras de Lucrécio não depende tanto do peso do assunto a ser tratado, mas é efeito da forma como esse autor no passado elaborou sua poesia: “a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do poeta, independentemente da doutrina filosófica que este pretenda seguir” (Calvino, 1990, p. 22). Tal cuidado e seus efeitos, segundo Italo Calvino nos prescreve, devem ser mantidos em nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, T. L.; CARDOSO, I. T. (2015). “Ítalo Calvino e os Clássicos: Ovídio nas Seis Propostas para o Próximo Milênio”, *Revista Língua, literatura e ensino*, vol. 10, p. 31-39.
- CALVINO, I. (1988). *Six Memos for the Next Millennium*. Harvard University Press. Cambridge.
- _____. (1990) *Seis Propostas para o Próximo Milênio*: Lições Americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2002). *Lezioni Americane: Sei Proposte per il Prossimo Millennio*. Milano: Oscar Mondadori, 14 ed.
- _____. (2002). *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.
- CARVALHO, R. N. B. de. (2010). *Metamorfoses* em tradução. Trabalho de conclusão de pós-doutoramento – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- CONTE, G. B. (1996). *Letteratura latina. Manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano*. Nuova edizione. Le Monnier: Firenze.
- GALE, M. (2007) “Didactic Epic.” In Harrison, Stephen (ed). *A Companion to Latin Literature*. Blackwell Publishing, 2007. (Blackwell Reference Online. 23 July 2016)
- GARCÍA JURADO, F.. (2010). “La ciudad invisible de los clásicos: entre Aulo Gelio e Italo Calvino”, *Nova Tellus*, 28 (1), p. 271-300.
- GILLESPIE, S.; HARDIE, P. (2007) *The Cambridge companion to Lucretius*, Cambridge, U. P..
- HARDWICK, L. (2003). *Reception Studies*. Greece and Rome New Surveys in the Classics 33. Oxford: Oxford University Press.
- JOHNSON, M.; WILSON, C. (2007), “Lucretius and the history of science”, in GILLESPIE, S.; HARDIE, P. (2007) *The Cambridge companion to Lucretius*, Cambridge, Cambridge U. P., p.131-148.

- LAGO, P. (2009). “In fuga dal banchetto: da Petronio a Calvino”. *Aufidus* 68-69, p. 51-61.
- LÉVÊQUE, P. (1987) O Mundo Helenístico. Tradução por Teresa Meneses. Lisboa: Edições 70, 1987.
- LUCRÉCIO (1985). Da natureza, coletânea *Os pensadores*; tradução de Agostinho da Silva. 3ed. São Paulo, Abril Cultural.
- LUCREZIO (1996). La natura; introduzione, testo criticamente riveduto, traduzione e commento di Francesco Giancotti. Milano: Garzanti.
- SCHMITZ-EMANS, M. (1995). “Metamorphosen der *Metamorphosen*: Italo Calvino und sein Vorfahr Ovid.” *Poetica* 27 (3-4), p. 433-469.
- TREVIZAM, M. (2014) *Poesia didática. Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Coleção Biblioteca Latina. Campinas, Ed. Da Unicamp.
- VELARDI, R. (2004). “Parola e immagine nella Grecia antica: (e una pagina di Italo Calvino)”. *AION(filol)* 26, p.191-219.